

Memórias Açorianas: A Festa do Divino Espírito Santo na Vila Carrão em São Paulo

Autor(a): ELIS REGINA BARBOSA ANGELO | Saiba mais sobre o(a)

autor(a)

Tema: História

Subtema: História das Comunidades Açorianas

Referência geográfica do conteúdo: São Paulo - SP, Brasil

Data de publicação: 22/05/2009

Línguas disponíveis: Português

RESUMO

The religious party known as the “The Holy Ghost Festivity” will be analysed as a relevant attractivity to the community of Vila Carrão, in São Paulo, that came up from the Azoreans costumes kept along the time between the contemporary adversities. At the same time in search of territory perception in which are untied the luso-brazilian cultural activities seen as a tangled of elements and traces of the culture and the history of Azoreans, it also analyses the space prospective as a link between past and present, favoring the visibility of identities.

CONTEÚDO

O legado cultural açoriano: História de vida, de mudança e de identidades

As festas e comemorações religiosas fazem parte do legado cultural português, em especial a festa do Divino Espírito Santo, que todos os anos é celebrada por comunidades que vivem em alguns estados brasileiros, sobretudo de ascendência açoriana. A origem desta festividade, que ocorre no mês de maio, remonta às tradições luso-brasileiras que procuravam arrecadar donativos e animar a população paulistana. Atualmente, a festa reduziu-se à comunidade açoriana da Zona Leste de São Paulo e de outras cidades do interior do Estado, que conseguiram manter um elo entre o passado e o presente por meio dessa manifestação cultural.

Sobre o passado, algumas impressões favorecem as reminiscências sobre a festa do Divino, na qual a distribuição de gêneros alimentícios fazia parte do ritual:

A festa profana constava comumente dos clássicos leilões de prendas, levantamento do indefectível “pau de sebo” e do “mastro”, do Divino com as tradicionais salvas de “roqueira”, queima de rojões e “fogueiras” que a sinonímia indígena converteu em “caiera” finalizando com o insubstituível “cateretê” entre a caipirada, e baile à européia para os convidados mais grados do festeio, terminando tudo em, opípara ceia para todos, na “casa do império”, e festa distribuição de gêneros alimentícios aos pobres. (FREITAS, 1985, p.169-70)

Apesar da extinção de alguns elementos que constituíam a festa profana do Divino, a comunidade açoriana que vive atualmente na Vila Carrão, em São Paulo, e nos bairros adjacentes conseguiu manter a religiosidade lusitana, por meio das manifestações criadas e recriadas por seus descendentes no espaço demarcado pela cultura açoriana. Das mudanças verificadas na festividade têm-se um panorama que revela as intenções que culminaram no que atualmente se discute como manifestação da cultura:

Mas as festas do Espírito Santo em nossa terra perderam toda originalidade da primitiva comemoração profana, com o desaparecimento do peditório em folia, desassimilado pela enorme massa de imigração bruscamente fixada em São Paulo expoente incomparável de vitalidade e de progresso, mas também elemento poderosamente modificador de usos e de costumes; daí talvez ter-se originado, moderadamente, a série de proibições conjuntas do poder eclesiástico com o secular que, a partir do bispo D. Antonio de Mello, vem apressando o desaparecimento da tradicional prática. (FREITAS, 1985, p.177)

Os impedimentos ditados pelo Governo da Província, norteados pela Igreja e pelo Estado, definiam as proibições na festa do Divino Espírito Santo. Restrições eram deferidas pelo alvará de 25 de dezembro de 1608, cujo teor determinava que seus participantes não poderiam “esmolar sem licença, e nunca com imagens nas mãos pelo pouco respeito com que as tratam”, e esclarecia sobre “as circunstâncias que se devem primeiro averiguar e as restrições com que depois se hão de conceder tais licenças”. (FREITAS, 1985, p.177)

Em contrapartida, a carta régia de 14 de junho de 1728 concedia aos capitães-generais a licença para o peditório em folia. Assim, alguns membros da comunidade foram transformando o ritual festivo, que no entanto, em alguns

comunicava e foram transformando o ritual festivo, que, no entanto, em alguns lugares foi perdendo força, modificando seus princípios, alterando algumas peculiaridades e singularidades, como forma de manter os costumes e hábitos que desagradavam a Igreja e o Estado. Contudo, a manifestação conseguiu ser mantida em alguns pontos do país, onde atualmente se percebe maior ou menor evidenciação da festividade.

Na Vila Carrão, a festa teve novamente visibilidade a partir de 1974, ano em que a comunidade açoriana organizou-se e reiniciou a formulação do ritual, adaptando-o às condições da localidade e para que fosse possível obter a aprovação da Igreja, que nesse momento já começava a aceitar esse tipo de festividade com traços do sagrado e do profano.

Mas, antes da menção à festa e ao ritual especificamente, há a necessidade de se compreender a formação do território açoriano nesse espaço da Vila Carrão. Com o crescimento de fábricas e indústrias na cidade de São Paulo, alguns açorianos se instalaram na Zona Leste paulistana, onde passaram a viver e manter algum tipo de elo com o passado. Em momentos de dificuldades nas ilhas açorianas, sugeriam aos seus parentes, amigos e conhecidos a emigração para o Brasil, propagando a ascensão das fábricas de São Paulo, onde poderiam trabalhar ao lado de compatriotas.

Os habitantes das Ilhas de São Miguel e Terceira foram os que mais emigraram para o Brasil, segundo estatísticas. Os afiliados da Casa dos Açores – entidade luso-brasileira sem fins lucrativos que tem como objetivos reunir os açorianos, seus descendentes e simpatizantes, bem como manter e propagar a cultura, o folclore e os costumes açorianos – são, quase em sua totalidade, açorianos vindos da Ilha de São Miguel. Os demais emigrantes dessas localidades se direcionaram para o Canadá e os Estados Unidos, na tentativa de escapar das dificuldades econômicas e político-administrativas que os Açores enfrentavam. A emigração era a grande saída para a crise, e São Paulo, no âmago do crescimento e desenvolvimento, foi destino privilegiado, levando esperança de prosperidade aos açorianos.

Entre os fatores que motivaram a vinda dos açorianos para o Brasil, especialmente para a cidade de São Paulo, destacam-se o crescimento da cidade de São Paulo e a ampliação da mão-de-obra fabril. O Cotonifício de Guilherme George,[1] por exemplo, tinha em sua folha de pagamento diversos imigrantes portugueses, que traziam cada vez mais seus parentes e amigos para o bairro – Vila Carrão – e suas adjacências, no intuito de melhorar suas condições de vida e lhes arranjar trabalho.

Nesse momento, a cidade de São Paulo era uma grande saída para a crise econômica em que viviam os açorianos, pois abarcava muitas oportunidades de trabalho e também de negócios aos que queriam investir. Algumas profissões ficaram muito conhecidas por conta das habilidades dos portugueses, que se tornaram famosos como açougueiros, padeiros, quitandeiros e comerciantes em geral.

Ao narrar sua vinda ao Brasil no ano de 1956, o senhor Manoel de Medeiros, fundador da Casa dos Açores de São Paulo, rememora as dificuldades da viagem, os problemas enfrentados pela família nos Açores e as motivações que os trouxeram ao país.

Mas foi uma época muito sofrida que eu vim de lá... Eu vim de lá em 1956, foi quando começou as guerrilhas lá na África, nas Colônias africanas e a gente já tinha um pessoal do lado da minha mãe já estava quase todo no Brasil. Aí nós viemos se juntar a eles aqui antes que viesse juntar esse negócio... Aí foi um dos grandes motivos que nos fizeram vir pra cá também foi por questão disto e melhorar um pouco a vida porque nós não tínhamos absolutamente nada... Só não passávamos fome. Pedimos todo dinheiro quando chegamos ao Brasil ficamos devendo todas as passagens pra chegar aqui nessa terra... E graças a Deus tudo foi pago. E foi aqui que eu progredi com lutas, trabalho, um monte de coisas... Então essa foi mais ou menos a minha história até eu chegar aqui...[2] Das motivações[3] da vinda dos açorianos para o Brasil emerge um panorama da região dos Açores que indica a ausência de emprego e de condições de subsistência, solo

infértil, falta de apoio do governo, busca por melhores condições financeiras e ascensão econômica. Como os açorianos viviam, em maior parte, na Zona Leste, alguns membros da comunidade tentavam constituir uma organização que os evidenciasse enquanto grupo, especialmente por meio de festas religiosas e dias santos.

Na tentativa de reunir o maior contingente possível de açorianos e seus descendentes, foi criada, em 22 de junho de 1980, a Casa dos Açores de São Paulo.

Assim, a primeira festa do Divino (agora no espaço demarcado pelos açorianos e seus descendentes) foi realizada pela comunidade açoriana na Vila Carrão, em maio de 1974, procurando dar visibilidade à memória e às tradições açorianas.

Sobre a criação da Casa dos Açores de São Paulo, vale conferir algumas colocações do senhor Manoel:

Aí foi o seguinte. Eu tinha um amigo meu inclusive continental e ele sempre me incentivava que já existia uma infinidade de Casas, é Casa Beira Alta, Casa da Madeira, da Ilha da Madeira, Casa do Porto, Casa... Então existiam infinitas casas e ele participava e me levava em alguns desses inventos das casas e ele toda hora sabia que eu era açoriano, toda hora ele falava assim: “monta a casa dos Açores, monta a Casa dos Açores”, entendeu? E depois disso foi mexendo comigo, principalmente porque tinha ido e tinha voltado em 71 a Portugal e eu depois desses anos todos eu fui justamente aos Açores. E eu tive um sentimento muito grande daquilo lá... Senti uma saudade tremenda porque já fui adulto. Saí de lá criança e voltei adulto e aí eu revi tudo aquilo que eu brincava que eu... Nos Açores quando era bem, bem um regime forte, então tinha bastante tradição lá. E com esse incentivo do rapaz me falar a toda hora, toda hora aquilo ali acabei fundando a Casa dos Açores. Quando viajamos para Portugal nós já tínhamos inclusive fundado a Irmandade do Espírito Santo porque nós trouxemos... eu viajei com um amigo meu e nós trouxemos de lá uma coroa, uma bandeira e esse rapaz, esse senhor que já faleceu, ele falou: “Olha eu vou começar a fazer a Coroação” e tal... Tudo bem e aí nós juntamos e eu dei uma mão a ele, mas ele foi realmente uma pessoa que teve a iniciativa do Espírito Santo. E ela foi crescendo de tal forma que a gente não... Isso foi no ano de 75 que nós fomos lá que eu fui com ele lá. Aí nós todo ano fazíamos a festa do Espírito Santo na casa na frente da casa de quem tinha a última domingo, entendeu? Você não vai saber ou entender o que é uma última domingo, mas todo açoriano sabe que existe após a quaresma. A quaresma é após o domingo de Páscoa e vai sendo mudado de residência para residência uma vez por semana a Coroa, a Bandeira e é rezado o terço diariamente e tal, e isso é uma tradição de lá. E nós fazemos essa tradição aqui a mesma coisa, e nós ajudamos eles realmente a efetivar o negócio e fomos embora. Aí quando chegou em 1980 e nós além do mesmo tá toda hora falando pra eu montar a Casa dos Açores e nós não tínhamos mais espaço em ruas, porque começou a crescer a festa e nós não tínhamos mais como fazer essa festa, nós víamos que isso ia acabar... Então foi quando dei... eu falei o seguinte: “vamos montar a festa”. Fiz uma reunião na minha casa, devia haver aproximadamente, não me recordo agora, que nós fundamos a Casa dos Açores em 22 de junho de 1980. Isso foi fundada como fator principal de se manter as festas religiosas do Divino Espírito Santo.[1]

Na fase de expansão da Zona Leste paulistana, alguns açorianos vieram se estabelecer na região, em especial por conta da oferta de empregos na indústria têxtil, que culminou na formação e reorganização do espaço enquanto território de reminiscências açorianas.

Conforme relatos de açorianos que comemoram a Festa do Divino na Vila Carrão há mais de trinta anos, esta celebração religiosa inicia-se no domingo de Páscoa, cinqüenta dias antes do domingo de Pentecostes. É considerada uma festa tradicional Luso-Açoriana, e nela se desenlaçam atividades como a reza dos terços, que acontece diariamente durante as sete semanas de festividades, sendo alternadas as rezas de forma cantada por homens e mulheres da comunidade.

Os símbolos do Divino, que incluem Coroa e Bandeira, são levados para diferentes casas sorteadas a cada ano, sempre no último domingo de festa. Essas casas são conhecidas como “as domingas do Divino”. Nesta data são estipuladas as casas nas quais ocorrerão as rezas e os demais rituais da festa. Também ocorrem nesta ocasião as Folias do Divino, que são cantorias feitas de improviso por repentistas que vão recolhendo e agradecendo a comunidade pelas doações arrecadadas durante a festa. São levadas a essas folias, além de vinho, lingüiças,

alheiras, massas sovadas, malassadas e morcelas, comidas típicas da gastronomia açoriana, doadas pelos colaboradores da Casa dos Açores e também vendidas durante as festividades.

No dia de Pentecostes, às 9h30min, inicia-se a procissão, saindo da Casa dos Açores em direção à Igreja Santa Marina Virgem, na Vila Carrão, onde é realizada a missa em louvor ao Divino Espírito Santo. Durante esse ritual religioso, sete crianças são coroadas e dão a benção aos presentes em nome do Divino Espírito Santo. Durante todo o dia continuam as festividades em homenagem ao Divino, com apresentação de grupos folclóricos que cantam e alegram os visitantes com as antigas cantigas portuguesas.

A cada ano a festa é organizada por um casal diferente, que é escolhido e anunciado na festa anterior. Esses organizadores são também conhecidos como os mordomos da festa. As comemorações acontecem ao longo das semanas que antecedem o domingo de Páscoa. As mulheres acabam sendo as responsáveis por todas as diretrizes da festa, englobando a gastronomia açoriana, a organização da procissão, a decoração da Igreja e da Casa dos Açores, a preparação dos pratos a serem vendidos e doados durante as festividades, a confecção dos terços a serem rezados nas casas, entre muitas outras atividades.

As mulheres mais velhas trabalham em todas as atividades da festa, e percebe-se que algumas filhas, netas e bisnetas também se empenham para que a festividade seja um sucesso. No entanto, a maioria dos filhos e filhas acaba deixando a tradição para “um dia” quando percebe a possibilidade de acabar a festividade, preterindo seu papel “individual” e “coletivo” para que ela continue a cada ano.

A festa eu posso dizer da parte masculina porque essa parte religiosa e tudo é a mulherada que toma conta, entendeu? Então elas fazem reunião, já tem quem vai levar a bandeira fulana, quem vai não sei que... quem vai do lado, não sei que. Elas sabem falar isso. Eu realmente não sei. Eu sei que eles vão agora na minha fazenda, vão matar os bois lá agora pra doar carne, os porcos... E a gente acompanha o Sr. Agostinho, vamos na polícia pra requerer a polícia, eu vou falar com o Prefeito aqui da região quer dizer, a festa em si mesmo não tenho muitos detalhes. A mulherada realmente tem muito mais detalhes em questão da festa. Olha tenho certeza que ela vai ser fabulosa...[2]

Aos homens cabe a organização administrativa da festa, ou seja, cumpre a eles ordenar os donativos, as doações de bois e porcos, contatar e obter autorização para a realização dos festejos junto à subprefeitura, organizar a rua e o trânsito nos dias de festa, entre outros detalhes. Também é função dos homens levar as imagens durante a procissão, bem como as bandeiras, os mastros e as insígnias do ritual.

Dos símbolos do Divino Espírito Santo os principais encontrados na Bíblia são: o vento (ar), a fonte (água), a pomba, o fogo e o azeite. Esses símbolos estão presentes em todas as festas, pois indicam os caminhos percorridos pelo Espírito Santo e explicitados em passagens bíblicas. Além desses símbolos, também existem as insígnias, visualizadas durante todo o período da festa e todos os seus rituais. Entre elas estão a coroa, que simboliza a magnitude e a grandeza; o cetro, que simboliza a autoridade por meio da soberania; as varas, que possuem o significado de condução do “rebanho”(nas procissões e desfiles são doze, representando os doze apóstolos); e as bandeiras do Espírito Santo, que expressam os dons do espírito.

Este elo entre passado e presente faz com que a festa seja percebida enquanto uma representação da cultura açoriana, que se constitui na vida política,

social e cultural dessa comunidade. As alterações observadas ao longo dos processos da imigração luso-açoriana e dos entrelaçamentos estabelecidos pela inserção de outros imigrantes demonstram o papel que as identidades definem e redefinem ao longo das gerações.

Se um sentido de identidade se perdeu, precisamos de outro. Isso faz com que tornemos-nos cientes de que identidades não são nunca completas, finalizadas. Ao contrário, estão em permanente processo de constituição. São narrativas, discursos contados a partir do ponto de vista do outro. (ESCOSTEGUY, 1999, p.196)

Nessa perspectiva, as identidades construídas e reconstruídas também mantêm um elo com o passado das representações culturais e religiosas por meio da festa, pois permaneceram em especial por conta das experiências dos sujeitos nas suas práticas.

As identidades culturais vêm de algum lugar, têm histórias, mas, como tudo que é histórico, elas sofrem uma transformação constante. Longe de estarem eternamente fixas num passado essencializado, estão sujeitas ao contínuo “jogo” da história, da cultura e do poder. (HALL, 2000, p.225)

Nessas identidades, entre as quais se faz relevante a perspectiva do território demarcado pela comunidade lusa, estão englobados também os açorianos e seus descendentes que vivem nos bairros XV de Novembro e Vila Progresso (extremo Leste) da cidade de São Paulo, que participam ativamente da promoção da festa enquanto associados da Casa dos Açores, e também dos eventos promovidos por essa entidade ao longo do ano com a finalidade de arrecadar fundos.

A Casa dos Açores oferece alguns eventos gastronômicos e religiosos, entre os quais a Bacalhoada, Massa Sovada, Terços do Divino Espírito Santo, Festa do Divino, Quermesse da festa, Cordeiro Assado, Coquetel dos colaboradores, Aniversário dos Açores, Cozido Açoriano, Revelando São Paulo (evento realizado no parque da Água Branca), Semana Cultural Açoriana, apresentação de Grupos Folclóricos, Massa Sovada de Natal, entre outros.

Pensar na Casa dos Açores como espaço de sociabilidade onde ocorrem, por meio de festas religiosas e gastronômicas, as manifestações da cultura é também fazer referência às festas coloniais, que se davam em espaços considerados locais de trocas positivas e também de luta pela continuidade da memória dos Açores. Pensar no território como local de trocas sociais e culturais implica entender que o espaço no qual se inscrevem as trocas sociais para a construção de territórios está intimamente ligado aos tempos. No que se refere ao espaço, o que se percebe é que, independentemente do tempo, suas formas e dimensões seguem uma estruturação associada ao que os homens construíram e à maneira como se deu esse processo temporalmente. Já o tempo parece ser algo complexo, de difícil apreensão e compreensão. A idéia de tempo representada permeia o passado, o presente e o futuro, e, de certa forma, não se relaciona com o ser humano de maneira simplista. Assim: O passado não tem entrada, o futuro não tem saída, situado na posição intermediária, é tão breve e inapreensível, que não possui extensão própria e parece reduzir-se à conjunção do passado com o futuro. É tão instável que nunca fica no mesmo lugar; e tudo aquilo que é por ele atravessado é retirado do futuro para ser entregue ao passado. (ELIAS, 1998, p.64) Quando se pensa no passado para rememorar fatos do presente, se abre um recorte no tempo e inicia-se um lembrar que a cada instante já não é mais presente, é futuro. O tempo passa a ser relevante quando se apropria do espaço e do território enquanto formações temporais de memórias e histórias. O tempo ou os tempos devem ser apreendidos enquanto criações. Essa idéia pode ser mais bem explicitada partindo-se da questão da construção dos territórios por meio das temporalidades, em que: Cada lugar,

embora ligado a uma totalidade que se auto constrói ao longo da história, tem sua especificidade relacionada ao entrecruzamento dos tempos diferenciados. Nosso ponto de partida é o tempo presente, impresso na forma da metrópole como morfologia que revela o entrecruzamento de tempos impressos nas formas, presentes nos hábitos, portanto um tempo que se refere a um espaço e, com isso, diz respeito a uma história humana urbana como realização da vida no espaço e através dele. (CARLOS, 2001, p.46) O espaço e o tempo são construções que, ligadas às memórias, se desenham sob o aspecto de realização da vida e inscrevem nos hábitos, nas formas, nas cores e nos estilos uma formatação de especificidades identitárias, capaz de produzir em específicas temporalidades características distintas. A cidade e o bairro modificam-se e guardam memórias e histórias, e essas características tornam o lugar “único”, distinto dos demais e repleto de lembranças.

Sempre morei na Vila Carrão, faz 50 e... Quer dizer agora em junho vai fazer 52 anos que eu tô aqui. A única estrada, única avenida asfaltada e era só um trequinho que vinha até aqui perto do cemitério, vinha lá do largo do Carrão e era a avenida do Conselheiro Carrão. O resto era tudo terra... Era intransitável. Então vivia um lugarejo só de chácaras. Era só chácaras, chácara de um lado, chácara de outro. Vivíamos em função de uma fábrica chamada Guilherme Gorge, entendeu? Então todo açoriano que vinha de lá, ele vinha pra trabalhar no Guilherme Gorge. Na fábrica Guilherme Gorge, entendeu? Então o crescimento que eu percebi aqui é monstruoso, foi monstruoso o crescimento horizontal hoje o próprio Tatuapé, ali Anália Franco tudo aquilo ali era só chácaras, era só mato... De uma hora pra outra está se fazendo uma malha vertical. É um absurdo o pessoal que mora. Hoje o luxo que nós temos no Tatuapé. Isso tende a crescer... Ali nós tínhamos campo de futebol, tínhamos um mundo de coisa ali dentro, tirávamos leite de vaca, vivendo na rua, isso tudo ali no Tatuapé. E hoje, hoje é uma barbaridade o progresso que essa região da zona leste, principalmente as outras regiões eu tive muito pouco acesso porque fiquei desse lado e depois acabei montando a empresa aqui desse lado mesmo e por aqui a gente não anda muito por São Paulo...[3] Pensar como foram construídos os espaços e sendo desenhados os hábitos, as formas e os estilos nos variados espaços dessa comunidade requer olhar para os aspectos físicos, temporais, culturais e econômicos dos diversos sujeitos que os formaram, dando a estes suas especificidades e identidades. Tentar verificar como esses espaços foram sendo diferenciados ao longo do tempo significa entender as identidades neles inscritas. Segundo os supracitados apontamentos do Sr. Manoel, percebe-se que a cidade e o bairro cresceram com ele. Durante esses cinquenta e dois anos, a ampliação do bairro, as condições espaciais e a união da comunidade açoriana deram a visibilidade que atualmente se percebe nos pequenos gestos cotidianos, nos dias de festas, nas procissões, na organização das casas, na união dos membros frente aos problemas. Dessa maneira: [...] as representações e identidades sociais influenciam a elaboração das imagens espaciais dos indivíduos. Se considerarmos as sócio-espacialidades das representações veremos que os lugares mudam de atrativo em função daqueles que os ocupam, ou seja, a orientação afetiva dos habitantes de uma cidade ou bairro aparece nas práticas urbanas e está em correspondência com os lugares escolhidos para se estar [...]. (KUHNE, 2002, p.63) O pertencimento ao espaço se refere aos traços nele desenhados, de forma a estabelecer uma ligação simbólica e emocional num contexto social. Sobre o pertencer ao local, pode-se dizer que: “A identificação da pessoa com tais aspectos de seu mundo físico começa a aparecer a partir da totalidade de experiências do meio ambiente físico que ela teve durante os seus primeiros anos de formação [...]” (KUHNE, 2002, p.63). Assim, percebe-se que o pertencer remete-se à construção social do sujeito. As lembranças do lugar caracterizam uma identificação pessoal e física e são parte das experiências sociais que demarcam uma localidade. Além do

posicionamento sobre a identificação do espaço enquanto uma formação cultural construída, cabe ressaltar os elementos material e imaterial, que constituem um legado capaz de manter viva a construção social e cultural de uma comunidade por longos períodos de tempo. Pode-se dizer que nesses espaços estudados ocorreram mudanças, permanências, incorporações, adaptações e transformações que, de alguma forma, preservaram alguns dos seus traços mais resistentes ao tempo, ao espaço e também às transformações advindas de cada época. Esses traços, tanto nos objetos materiais como no imaginário e nos elementos imateriais, foram, de algum modo, preservados com algumas mudanças. E a mudança, dentro da própria perspectiva de permanência, pode ser considerada como: Qualquer alteração na cultura, sejam traços, complexos, padrões ou toda uma cultura, o que é mais raro. Pode ocorrer com maior ou menor facilidade, dependendo do grau de resistência ou aceitação. O aumento ou diminuição das populações, as migrações, os contatos com povos e culturas diferentes, as inovações tecnológicas, as catástrofes, as depressões econômicas, as descobertas fortuitas, a mudança violenta de governo etc. Podem exercer especial influência, levando a alterações significativas na cultura de uma sociedade. (MARCONI, 2001, p.61) As culturas material e imaterial se adaptam às configurações temporais e espaciais, não sendo, portanto, algo estático, mas algo em constante adaptação e remodelação. Nesse sentido, pensando sob a perspectiva das diferenças, pode-se entender que: A enunciação da diferença cultural problematiza a divisão binária de passado e presente, tradição e modernidade, no nível da representação cultural e de sua interpelação legítima. Trata-se do problema de como ao significar o presente, algo vem a ser repetido, relocado e traduzido em nome da tradição, sob a aparência de um passado que não é necessariamente um signo fiel da memória histórica, mas uma estratégia de representação da autoridade em termos de artifício do arcaico. (BHABHA, 1998, p.64-5) Em meio às mudanças percebidas com o crescimento da cidade e de seu entorno, os descendentes de açorianos passaram a reconhecer seus traços como diferenciais necessários para a sobrevivência do passado e, em alguns casos, para a própria sobrevivência. Assim, as identidades foram sendo diferenciadas pelos seus atos, traços e tradições, o que fez com que os grupos étnicos fossem percebendo, paulatinamente, suas diferenças, passando a valorizá-las a partir do momento em que os outros passaram a ressaltar seus respectivos diferenciais. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significados e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar ao menos temporariamente. (HALL, 2000, p.13) A festa, o espaço, os atores sociais envolvidos e a representação cultural pertencente a esse grupo faz com que o elo entre o passado e o presente se mantenha de alguma forma. Ora modificado, ora transformado, mas com reminiscências capazes de garantir a continuidade dos traços da cultura açoriana, presente nos diversos momentos da vida cotidiana dos habitantes da Vila Carrão, por meio das atividades da Casa dos Açores, que, criada com o objetivo de juntar o grupo luso-açoriano e os brasileiros luso-descendentes, conseguiu expressar de maneira lúdica o sentido de pertencimento ao local e também de pertencimento aos antigos moldes portugueses.

O Fim e o Início da Questão Pensar a cultura açoriana como uma arena de aspectos conflitivos é imergir nos significados do cotidiano desse grupo social, verificando a realidade vivida por cada sujeito, ou pelo menos tentar apreendê-la e compreendê-la, sem esquecer da expressão vinculada às suas memórias, expressa na linguagem, nas festas, na religiosidade e na maneira de viver desta comunidade. Apreender uma cultura em movimento parece ser uma tarefa bastante difícil pois tentar visualizá-la

cultura em movimento parece ser uma tarefa bastante árdua, pois tentar visua-la e, de alguma forma, recuperá-la implica enfrentar questões de invisibilidade, conforme descreve Flores (1997, p.13): “Como recuperar algo que não é estático, que não tem contornos definidos, que não é jamais pronto e acabado? A cultura sem a sua essência apriorística é um processo dinâmico, incessante de construção e reconstrução de invenção e reinvenção.” Nessa abordagem, a própria continuidade dos processos tradicionais pode ter passado por diversas reconstruções, imersas em um movimento dinâmico e repleto de invenções e reinvenções, para chegar ao que se apresenta na atualidade. Especialmente a geração que nasceu na década de 80 parece estar inserida em uma nova estrutura, que não possui os mesmos padrões de educação familiar, religiosa e escolar. Existe, nesse sentido, uma grande preocupação em apreender o tempo e o espaço, diante destas diferenças pontuadas, conforme evidencia a colocação que se segue e que parece fundamental para se entender o significado que essa tradição tomou: “O tempo não flui uniformemente, o homem tornou o tempo humano em cada sociedade. Cada classe o vive diferentemente, assim como cada pessoa.” (BOSI, 2003, p.53) A observação das tradições dentro deste espaço permeia a tentativa de se compreender o movimento destas gerações e como as tradições se encontram nesse momento. Qual seria o intuito do passado e do presente em mantê-las vivas? Verificar as experiências no presente e no passado requer necessariamente a reflexão sobre o movimento de tempo, espaço e outras vertentes que porventura permeiem uma pesquisa mais complexa. Para finalizar, cabe explicitar uma colocação que demonstra a continuidade da festa: “O nosso objeto é a transformação, a mudança, o movimento, o interesse em saber como e por que as coisas acontecem, principalmente para descobrir o significado e a direção da mudança.” (FENELON, 1992, p.10) Essa reflexão abriu portas para a continuidade do processo de investigação da comunidade e, ademais, formulou a intenção de entender a continuidade de alguns traços da cultura açoriana, como é o caso da festa do Divino Espírito Santo, que, conforme apontado, permanece sendo uma tradição que, apesar dos rumos, conseguiu manter algumas de suas singularidades. O espaço delimitado define um grupo que mostra suas reminiscências e seus elos com o passado objetivando garantir que suas memórias sejam perpetuadas ao longo do tempo.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998. BOSI, Ecléa. *O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. CARLOS, Ana Fani Alessandri. *Espaço-Tempo na Metrópole: A Fragmentação da vida cotidiana*. São Paulo: Contexto, 2001. ELIAS, Norbert. *Sobre o Tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. ESCOSTEGUY, Ana Carolina Damboriarena. *Cartografias dos Estudos Culturais: Stuart Hall, Jesús Martín-Barbero e Nestór Garcia Canclini*. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação), USP, São Paulo, 1999. FENELON, Déa Ribeiro. “O Historiador e a Cultura Popular: História de Classe ou História do Povo?” *História & Perspectivas*. n.6. Uberlândia, jan./jun.1992. FLORES, Maria Bernadete. *Povoadores da Fronteira: os casais açorianos rumo ao Sul do Brasil*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2000. FREITAS, Afonso Antonio de. *Tradições e Reminiscências Paulistanas (1868-1930)*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo:

EDUSP, 1985.FREITAS, Sônia Maria de. *Presença Portuguesa em São Paulo*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.KUHNEM, Ariane. *Lagoa da Conceição: Meio ambiente e modos de vida em transformação*. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTTO, Zélia Maria Neves. *Antropologia: uma Introdução*. 5ªed. São Paulo: Atlas, 2001.PRIORE, Mary Del. *Festas e Utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1994. **Documentos Eletrônicos**AMARAL, Rita. *Festa à Brasileira: sentidos do festejar no país que “não é sério”*. Disponível em: <<http://www.aguaforte.com>>. Acesso em: 13/01/07.CASA DOS AÇORES DE SÃO PAULO. *XXXI Festa do Divino Espírito Santo*. Disponível em: <<http://casadosacores.com>>. Acesso em: 13/01/07.NOTÍCIAS DE ITAQUERA. *Açorianos preservam tradições na região*. Disponível em: <<http://www.noticiasdeitaquera.com.br>>. Acesso em: 13/01/07.REVISTA IN. *Vila Carrão*. Disponível em: <<http://www.revistain.com.br>>. Acesso em: 04/01/07. REVISTA IN. *Era uma vez um bairro com muitas chácaras*. Disponível em: <http://www.revistainonline.com.br/exibe_historia_bairro.asp?texto=36&bairro=8>. Acesso em: 12/04/09. **Entrevista**Manoel de Medeiros, fundador da Casa dos Açores de São Paulo, São Paulo, Vila Carrão, 6 de março de 2008.

NOTAS

[1] Depoimento do Sr. Manoel de Medeiros, fundador da Casa dos Açores de São Paulo, em entrevista concedida a Elis Regina Barbosa Angelo, na Vila Carrão, São Paulo, em 6 de março de 2008.

[2] Depoimento do Sr. Manoel de Medeiros, fundador da Casa dos Açores de São Paulo, em entrevista concedida a Elis Regina Barbosa Angelo, na Vila Carrão, São Paulo, em 6 de março de 2008.

[3] Depoimento do Sr. Manoel de Medeiros, fundador da Casa dos Açores de São Paulo, em entrevista concedida a Elis Regina Barbosa Angelo, na Vila Carrão, São Paulo, em 6 de março de 2008.